

5 Conclusão

Apesar da pretensão de se dar um passo à frente nas pesquisas propostas, não se pode ter a ambição de esgotar o assunto e encará-lo como a análise absoluta e estanque. E assim o é com o presente estudo. O tema juventude tem um amplo debate acadêmico e, depois do reconhecimento do jovem como ator social e do crescimento da identidade dos próprios como um grupo repleto de poder de barganha – muito em função dos acontecimentos da década de 1960 –, jamais se esgotará. Afinal, os jovens, em seu sentido biológico, sempre existirão, bem como os conflitos, tensões e anseios inerentes à época da vida.

Aqui, intentou-se apresentar apenas uma vertente dessa juventude. Juventude essa lembrada, em grande parte da bibliografia sobre o tema, a partir de um viés político e partidário, sobretudo no Brasil em função da ditadura militar de 1964. A despeito da urgência em livrar o país das amarras ditatoriais, nem toda a contestação jovem estava diretamente ligada às questões políticas. Em uma considerável parcela do grupo, as questões culturais eram mais relevantes. Não que a luta política não estivesse também atrelada à luta cultural. No entanto, acreditava-se que a transformação deveria ocorrer, primeiro, no comportamento e nos valores, para, aí sim, chegar às questões políticas e sociais. O modo de viver, de amar, de fazer amor, de ganhar a vida, de se estabelecer; de se vestir, de pentear (ou não) o cabelo, de se adornar... enfim, via-se a necessidade mudanças nas estruturas do comportamento social, construído a partir de valores basicamente cristãos. Essas pessoas foram rotuladas como pertencentes ao grupo da contracultura.

O intuito desse trabalho, portanto, foi mostrar o quão incisivo foi o chamado rock psicodélico norte-americano e inglês – os principais expoentes desse cenário – em tais mudanças comportamentais. Mas, para tal, foi necessário abrir uma breve, porém considerável, discurso acerca das questões da história cultural e das questões teóricas da troca simbólica de signos e símbolos, uma vez que uma gama de informações saía desses países e cá chegavam. (É válido ressaltar que essa saída de informações da Inglaterra e dos Estados Unidos não era proposital; o sucesso das músicas psicodélicas e a identidade juvenil para com elas foram o pivô para a disseminação pelo mundo). Posteriormente, no capítulo

seguinte, mostrou-se como essas informações eram apropriadas pela sociedade, uma vez que seus veiculadores, também atores sociais, igualmente recebiam-nas e assimilavam-nas a partir de seus próprios filtros culturais. Para tal, analisou-se alguns periódicos que circulavam à época, tal como o *Jornal do Brasil*, o *Última Hora* e *O Pasquim*. E, por último, no capítulo final, houve a pontuação de como essas informações – a música psicodélica, ou seja – provocou mudanças e inspirações. Então, optou-se por selecionar algumas personalidade mais expoentes do contracultura nacional, cujo ponto alto foi o movimento Tropicália. Gilberto Gil, Caetano Veloso e o artista plástico Hélio Oiticica foram analisados de forma a mostrar as suas assimilações da cultura estrangeira e a transposição em arte nacional.

Essa exposição, entretanto, teve alguns objetivos pontuais e de suma importância que não somente apontar aonde o rock influenciou e de que forma foi deglutido e traduzido pela contracultura nacional. Primeiramente, busca-se promover uma valorização da história do rock. Se a Tropicália é tida por muitos autores como um divisor de água na forma de se fazer cultura no Brasil, ela assim o é muito em função desse gênero musical. Sem contar as quebras de paradigmas comportamentais e estilísticas que incitou em muitos jovens, influenciou as ideologias e as atitudes de muitos indivíduos em seus quase 70 anos de vida. Reconhecer a importância social do rock é urgente. Mas, para isso, é preciso que se faça uma análise crítica de sua história, suscitando debates acerca de seus paradigmas e suas relações com a sociedade.

O segundo ponto diz respeito ao enfoque do rock na Tropicália. Poucas análises conseguem resgatar a devida proporção e importância do rock nas premissas do movimento. Geralmente, cita-se apenas a sua presença no mar de influências que amalgamou para formar suas idiossincrasias, sem, contudo, indicar como as informações chegaram aos artistas, de que forma elas foram assimiladas e como as apropriações foram feitas. Não percebem que, sem o rock de *Sgt. Pepper's*, as ideias incipientes que fomentaram as questões nas quais o movimento se consolidou não seriam as mesmas. Quiçá nem existissem.

Já o terceiro e último objetivo busca respaldar as abordagens aqui conferidas. Todas as análises deste trabalho levam em consideração a troca simbólica de significados e suas respectivas recepções. Ou seja, quais foram as

motivações para o rock ser feito do jeito que foi feito, como ele aqui chegou e de que forma foi recebido pelos jovens do final da década de 60.

A maneira de receber uma informação, no entanto, depende das experiências culturais de cada meio social.¹⁷³ Um mesmo signo será recebido de diversas formas por sociedade que não compartilham as mesmas experiências. Mas o mais importante é mostrar que – apesar das suas especificidades – tanto o Brasil quanto os EUA e a Inglaterra passavam por processos sócio-culturais correlatos. Os jovens dessas sociedades faziam parte do mesmo “invólucro” cultural, no qual se buscava novos paradigmas e sensibilidades; os anseios de extinguir as moralidades impostas pelo poder, tidas como retrógradas, exigiam mudanças – no caso do Brasil, tinha-se uma ditadura cada vez mais repressiva e defensora da moral e dos bons costumes; dos EUA, a Guerra do Vietnã, que solapava os jovens da classe média; já da Inglaterra, vigia uma tradição cultural que remetia a séculos passados. Recusavam-se continuar aceitando e acatando a cultura da sociedade estabelecida e, portanto, almejavam a formação de um novo sistema de valores.

Por isso que a troca simbólica de significados e signos pôde ser feita. Às vezes – e é bem provável que – nem Caetano nem Gil tenham ouvido todas essas bandas ligadas aos rock psicodélico. Mas por estarem inseridos na mesma “cúpula” ideológica e cultural, puderam compartilhar os mesmo anseios, atitudes e preocupações e, desta forma, transformá-los em canções. Canções essas que, como forma de fugir do senso comum, eram produzidas utilizando tudo que estava ao entorno – desde instrumentos de outras culturas até objetos do cotidiano. E é da indocilidade pela mudança, pelo afastamento do “mais do mesmo”, que se fazem as vanguardas. Com Gil e Caetano não poderia ser diferente...

Mas há ainda um objetivo maior e de importância mais urgente.

O *telos* basilar – ligado a uma objetividade emocional, diga-se de passagem – de todos esses esforços é de tentar incrustar a ideia do rock como um fenômeno social. Um acontecimento de suma importância para as relações inerentes às sociedades da segunda metade do século XX. Que o rock é um fenômeno cultural, todos sabem. Porém, infelizmente, o cultural é muitas vezes

¹⁷³ CHARTIER, R. op. cit. pp. 14-28.

visto como o exótico, como algo de pouca relevância para a vida social. Quase um objeto de antropólogos e seus trabalhos de campo, portando seus caderninhos de anotações e seus coletes em tom pastel. Principalmente frente às suas “irmãs bem-sucedidas”, a política e a economia – parafraseando a metáfora da história cultural como Cinderela de Peter Burke.¹⁷⁴

Portanto, além da necessidade acadêmica de reforçar e aprofundar o debate sobre o viés cultural dos jovens da década de 1960, valorizar e entender o rock como um fenômeno social foi um dos objetivos aqui propostos. Como se pode ver, a assimilação dos ideais inerentes ao rock e o estilo de vida por ele proposto gerou uma série de mudanças na forma de interação social daqueles jovens que viviam sob as imposições de um regime opressor e retrógrado. Tais transformações advindas do rock, porém, acontecem até os dias de hoje. Como supracitado, o rock tem incidência em qualquer classe social e em qualquer faixa etária, deixando claro o seu poder de mobilização.

Esse, no entanto, é um debate muito rico, que vale a pena ser tratado em futuras monografias com toda atenção que merece. Intentou-se, porém, nessas análises, chamar a atenção da Academia para a importância sociocultural desse gênero musical que, por décadas, acomete e fascina jovens de todas as idades. Rock não é apenas um estilo de música. O rock é atitude!

¹⁷⁴ BURKE, P. op. cit., p. 7.